

## Entrega 2: Ensaio

### Interrupções inconsistentes: o tempo, a pose e um pouco de natureza

Por Nayla Ramalho e Maurício Chades



Interrupção: dormir em Copacabana implica aceitar a interrupção. Ora por um chorinho que toca no bar da calçada, ora pelo choro da criança que a mãe tenta colocar para dormir com ela no chão da calçada. Interrupção pela buzina, o som de rojão, o gol do Flamengo. Interrupção que se desdobra na dualidade contraditória da praia à noite iluminada que afeta - ou impossibilita - a vida de animais nativos das areias: tartarugas, caranguejos - onde estão eles? Para onde foram? Dualidade entre trânsito intenso de carros e a quietude do morro de pedra, que aos poucos se quebra e ganha curativos de concreto. Também a dualidade que leva os turistas ao Parque Lage, aos pés do Cristo Redentor. Não se pode saber quais os motivos pessoais trazem os turistas até ali, mas materialmente é possível constatar que a imagem é parte importante na construção do itinerário.

Imagem exigente, que necessita um posicionamento exato do corpo, encontrado depois de dezenas de tentativas. Uma posicionalidade que é encontro entre lugar do fotógrafo e do fotografado, entre corpo humano em pose e casarão antigo. Aos fins de semana, chega-se a esperar na fila por volta de meia hora, pacientemente, em local em que a fila se auto-organiza, em uma espécie de herança natural da necessidade de uma certa foto específica que precisa se repetir. Como se o lugar tivesse uma marca que exige um compromisso, que exige uma certa interação. De onde vem essa necessidade? Quem ou o que determinou que ali, com a piscina e com os arcos ao fundo, seria firmado quase como um compromisso, essa quase que obrigação, ao visitar o Parque Lage, de produzir uma interação imagética determinada entre corpo humano e espaço? Essa fila, esse gesto de demora de corpos, as fotos que se repetem até que a imagem suficiente seja alcançada, seria algo como um modo de habitar o espaço. Seria também algo como uma ritualização repetitiva de um significado que se perdeu ou que nunca houve? Uma busca por uma herança, uma maneira de apropriação do espaço, de capturar, pela imagem, mesmo que de maneira fugaz, de uma possibilidade de viver naquele lugar. O que seria o turismo senão habitar, por alguns instantes ou



horas, um lugar que difere do lar, ao se imaginar outras possibilidades de lar, mesmo que impossíveis, outras possibilidades de paisagem, texturas, cheiros, pessoas, animais?

Mas por que esse lugar específico ser o lugar que exige uma certa foto muito específica? Há outros lugares que pedem uma imagem específica dessa forma? Como o lugar conversa com quem passa por ele? E no que os habitantes-turistas se diferem dos outros habitantes, como os trabalhadores dos jardins? Esses trabalhadores fazem as podas dos galhos das árvores que oferecem risco de queda, fazem a retirada das plantas que não são parte do projeto paisagístico do parque, também fazem o replantio das mudas recentemente plantadas e arrancadas pelos macacos.



Recolhem o material orgânico fruto desses trabalhos e depositam-no em grandes caçambas. Os trabalhadores dos jardins experienciam os cheiros, as cores e a temperatura do parque diariamente, acompanham o crescimento das plantas, a mudança pequena, o dia-a-dia. Provavelmente, apesar de dedicarem muitas horas de seus dias ao plantio, replantio, poda e cuidado, recebem um salário muito menor que um trabalhador dedicado a uma atividade acadêmica, que um trabalhador dedicado à contabilidade, ou que outros tantos trabalhadores. O que determina o valor de seus dias



de dedicação, senão uma ideia abstrata de valor? Trabalhar os jardins do Parque Lage é construir um ambiente que acolhe os habitantes de passagem, um ambiente que pacifica a terra, as plantas e indica que ali é um lugar seguro para caminhadas ao ar livre, brincadeiras das crianças, piqueniques. Estar de passagem, assim, é caminhar sobre caminhos de cuidado.



Retratar os caminhos de cuidado pode ser fazer imagem do que transborda da tarefa, do trabalho, da função. Pode ser também o que envolve a função, mas que se registra em uma duração que insiste em cada gesto, em cada pequena alteração no espaço e no corpo. O que cada uma dessas pequenas alterações são? São o ambiente em manutenção, essa atividade que visa manter uma imutabilidade impossível, um esforço de adiamento. Cuidado e adiamento, duas ações que suspendem uma alteração mais significativa ou até mesmo violenta entre plantas, terra, animais e edificação histórica. A ação do tempo sobre um casarão antigo, como o do Parque Lage envolve uma ação material: a ação dos musgos que crescem nas rachaduras, por entre a textura porosa do

cimento, a ação da chuva, da humidade, que marca caminhos escuros bem definidos nas paredes, que as corrói, arranca pedaços. Ou seja, a ideia de “tempo” é espacializada, é indicada pela instalação de seres que alteram a construção monumentalizada. Os musgos são a metáfora de uma duração, eles se inscrevem nas paredes, deixam sua marca, seu rastro para então, em um gesto de manutenção, serem retirados. Aos poucos, o arruinamento do casarão é adiado, o jato de alta pressão de água retira os musgos, e também limpa as marcas escurecidas do caminho da chuva. Uma massa de cimento cobre as rachaduras, espaços do terraço são interditadas aos visitantes, as torneiras da sala de banho são fechadas, evitando vazamento.

Assim, quando os visitantes-habitantes do Parque Lage percorrem os espaços do casarão, dos jardins, eles estão também caminhando sobre esse tempo espacializado, resultado de adiamentos, cuidado, suor, cansaço e, afinal, da tentativa incessante das plantas, dos musgos, dos macacos, em produzir marcas. Marcas que parecem insistir que as ideias dualistas de cidade/natureza são frágeis e exigem um esforço de manutenção incessante. Essa necessidade de manutenção acaba sendo o motivo da instalação dos habitantes-trabalhadores dos jardins que desempenham suas tarefas com dedicação, de maneira detalhista, minuciosa. Eles moldam o tempo, inscrevem, com seus corpos, uma passagem de tempo invertida, que recupera, que repete o que já passou, um muro que era limpo e sem musgos há vinte anos atrás e que agora volta a ser sem musgos mas que está um pouco mais desgastado que há vinte anos atrás. Assim, após a manutenção, as fotos dos visitantes-turistas-habitantes será agora muito mais parecida às fotos daqueles há vinte anos atrás. Exceto pelas novas tecnologias fotográficas, pelas cores agora captadas com perfeição pelas câmeras dos celulares, os gestos, as poses provavelmente se repetem. Há, assim, uma continuidade no tempo, há uma indicação de que a herança da imagem também precisa do adiamento.



Mas então inevitavelmente emerge a questão: por que algumas construções exigem um processo incessante de manutenção enquanto outras não? De onde vem essa exigência? Talvez venha, como foi dito, da necessidade do cuidado, da segurança ao acesso, da preparação a uma visualidade que faça repetir o tempo em imagens, poses, enquadramentos. Sendo assim, se alguns locais são dignos de cuidado, são eles também dignos de serem experienciados, experimentados, transformados em imagem, em memória, como o casarão do Parque Lage. Outros lugares, por outro lado - e aqui se instala uma dualidade – não podem ou, não devem, carregar a possibilidade do cuidado. Seu fim não pode ser adiado. Mais do que isso, seu fim é desejado e seu acesso é interditado não apenas pelo perigo de desabamento que representam, mas, talvez, pelo perigo serem a territorialização de um tempo que pode fazer desabar a ideia de que o fim pode ser adiado.

Que lugar é esse e de que se trata esse fim? O lugar é a Oca do Parque Lage, desenhada e construída em arquitetura Huni-kuin, que, em um passado muito recente foi refúgio, abrigo e

pequeno território de passagem dos artistas indígenas que expõem suas artes no Parque Lage. De que se trata esse fim ao qual nos referimos? Trata-se do fim iminente de uma vida humana que insiste em ser alienada da vivência com a terra, com as plantas, com o vento, com as águas, com as rochas, com mamíferos, pássaros, insetos. Vagri Kaingang é uma das artistas que expõem seus trabalhos no chão, na entrada do parque. Ela diz que, tanto as árvores quanto pássaros e mamíferos terrestres são seus ancestrais. Um dia ela foi uma planta e com isso aprendeu a ter paciência. Um dia ela será um inseto e aprenderá que a vida é frágil e fugaz.

Vagri Kaingang, assim como Garapiá Pataxó passam muitas horas de seus dias no chão, trabalhando com a venda de sua arte porque a Oca foi queimada. Ao invés de passar por uma reforma, que, inclusive, faz parte do planejamento de pessoas indígenas e não-indígenas que querem contribuir com sua recuperação, permanece interditada há muitos meses. Sendo assim, surge uma questão inevitável. O que faz com que certos espaços mereçam manutenção, mereçam ter seu arruinamento adiado enquanto outros espaços não apenas não mereçam manutenção mas, além disso, são expostos a um aceleração criminoso de sua destruição? O que essa ideia de merecimento faz significar? Ou, a que lacunas somos expostos ao nos depararmos com a diferença do cuidado? Quando uma Oca é criminosamente queimada, o que queima com ela? Que possibilidades de conexão com o Parque Lage se perdem? Quais fotos deixarão de ser registradas, que relações com o espaço deixarão de ser, afinal, imaginadas?

Vagri e Garapiá são duas pessoas que resistem em expor suas artes em um local que não os acolhe mas, para além disso, são pessoas que inscrevem nas suas conversas com os transeuntes, outras possibilidades de permacener no espaço. Suas falas são repletas de sugestões de como poderíamos, como humanos, enfraquecer o julgamento dual que nos separa do que chamamos natureza. Jogar mais, brincar mais, correr, cheirar, nadar, envolver o corpo com as folhas das



árvores. Dançar em roda, bater o pé no chão, ser árvore, cachorro do mato, mosquito. Seria essa uma salvação para a humanidade que se avizinha a uma catástrofe global? Talvez haja algo aqui muito menor e muito menos messiânico ou pretensioso do que se possa pensar. Talvez brincar com a terra, habitar os espaços, imaginar outras relações possam, ao menos, nos devolver a capacidade de manipular o tempo, dilatá-lo, contraí-lo, cristalizá-lo, cruvá-lo de modo que os espaços possam também ser mais maleáveis, vivíveis. Espaços de cuidado.

